

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



Irmandade
DA
Santa Casa da Misericórdia
DE
SARDOAL



Publicação bimestral

MAUS CAMINHOS

Certos sintomas, fáceis de verificar aliás, dão-nos a certeza de que, na hora presente, a opinião pública está bastante doente entre nós.

Um deles, por exemplo, é o péssimo costume, cada vez a generalizar-se mais, até nos pequenos meios urbanos (como este nosso, por exemplo) de se interpretarem em determinado sentido, quase sempre evitado de largo facciosismo e na acepção que mais se deseja ou convém melhor, as palavras e os actos de pessoas ou Entidades que, pela natureza da sua missão, estão acima das competições e tricas partidárias - e, paralelamente, se tentar, ainda, em depravado complemento, minar a reputação de Instituições responsáveis que visam a fins mais altos e, em qualquer dos casos, diferentes dos que, no domínio temporal e terreno, apaixonam e agitam as conveniências pessoais de certos indivíduos de consciência reles e o mínimo de escrúpulos.

Esta pequena introdução daria, naturalmente, largo pábulo para um mais denso comentário, circunscrito a certas franjas sociais do nosso próprio ambiente urbano e local; só que terá de ficar de remissa, no entanto, para uma futura ocasião.

Hoje pretender-se-á, antes, uma abrangência de carácter mais amplo e geral, como que uma extrapolação para a sociedade portuguesa dos nossos dias, em que a percentagem dos cidadãos sérios e de propósitos íntegros e bem intencionados está sofrendo uma cada vez mais sensível minoração.

Como se ia dizendo, está a verificar-se, cada vez mais, que a má intenção e a falta de carácter de uns tantos, a inconsciência e o medo de outros, estão a criar um ambiente de dúvida, de incerteza, de intranquilidade e, talvez, de subversão solapada que, em qualquer momento, olhado no duplo aspecto nacional e internacional, pode mesmo ser funesto ao próprio país.

Ora, não será de mais exigir de todo o cidadão, qualquer que seja a sua mentalidade ou posição social, o dever de colocar, acima de interesses particulares (ou partidários) o bem comum e o interesse colectivo.

Aqueles só são legítimos quando não prejudicam estes.

A nação está acima do regime, do partido, do orgulho e da ambição pessoal. No bem da comunidade, em prol do seu país, todo o cidadão deve colaborar. E-lhe lícito, evidentemente, ter a sua preferência sobre a maneira de melhor atingir este objectivo, mas tal liberdade sofre limites.

Nem todos os caminhos são lícitos; há-os prejudiciais - e é, mesmo, para os evitar, que existem em todas as sociedades a Autoridade e a Lei.

São deste género todos os movimentos de ideias ou de acção que possam levar à indisciplina, à desordem, ao crime, à revolta, ao desprestígio nacional. Já atravessá-mos, em tempos não muito afastados, um período em que isto tudo foi possível e bem se sabe das suas circunstâncias trágicas - pelo menos, todos os que os vivemos e presenciá-mos.

O progresso, o engrandecimento, o nível elevado de vida, a liberdade, a própria democracia, no melhor sentido do termo, só são possíveis em ambiente de ordem, de legalidade, de trabalho, de justiça, de união e cooperação entre todos, bem como sem ódios de partido, de regime de classes, de clãs, numa palavra, num clima de paz.

Ninguém poderá ter a ingenuidade de supor que um povo se possa elevar, alguma vez, se os seus políticos apenas por motivos partidários, se degladiam e se odeiam uns aos outros. A História ensina, de maneira bem eloquente, ter sido em períodos longos de paz, interna e externa, que se verificou o maior progresso das gerações.

O que ontem foi bom pode hoje já não ser o melhor, assim como seria erro fatal continuar a manter teimosamente o que está mal ou usar o que passou de moda e de actualidade dentro do condicionamento de cada época.

E não restarão dúvidas que é na Ordem e na Paz que se pode realizar a justiça sem causar injustiça, desenvolver a liberdade sem cair na desordem, preparar o futuro sem sacrificar o presente, conservar o bem adquirido sem ficar na estagnação.

Quem estiver de rectas intenções decerto pensará assim. Mas são tão poucos, afinal! Tão poucos...

TROMBOSES CEREBRAIS E ENFARTES DO MIOCÁRDIO

TOME CUIDADO!

Em Portugal, a mortalidade por doenças cardiovasculares é idêntica à de outros países europeus, ou seja, uma em cada duas pessoas. A diferença reside nos tipos de doença que mais matam. Por toda a Europa a cardiopatia isquémica, ou enfarte do miocárdio, é a principal responsável pelas mortes por doença cardiovascular.

Em Portugal, com a percentagem de hipertensos já citada, é o acidente vascular cerebral, ou trombose cerebral, a primeira causa de morte. Assim, enquanto no nosso país dois terços dos óbitos por doença cardiovascular se devem a trombooses cerebrais e um terço a enfartes do miocárdio, no resto da Europa a relação inverte-se, falecendo dois terços dos indivíduos por enfarte do miocárdio e apenas um terço devido a trombooses.

(SAÚDE & LAR)

IMPASSES

Há muito que se vem aguardando o início das obras de aplainamento dos terrenos da cerca sul do Convento da Santa Casa da Misericórdia, esventrados completamente que hão sido pelas obras de um novo depósito de água potável, construído pela Câmara Municipal anterior, há perto de 5 anos.

Foi garantido, na altura, que com a reordenação das terras seria efectuada, também, a construção de uma zona de lazer para a população em geral, com bancos e mesas de pedra, plantação de arbustos e de árvores de sombra e ajardinamento do local.

Com as burocracias em que este país é fértil, o processo respectivo acabaria por ter mudado de entidades responsáveis; com efeito, e segundo informações que nos foram prestadas, é dos "fundos comunitários" que se aguarda, agora, a necessária participação.

A Santa Casa continua, pois, a aguardar...

Pareceu assisado trazer esta pequena nota explicativa para obviar a estranhezas (aliás, bem legítimas), manifestadas por alguns Irmãos da Santa Casa, mais interessados nos problemas da nossa Instituição.

A MISERICÓRDIA precisa do auxílio

de **TODOS!**

...do SARDOAL ARTIGO

D. GASPAR BARATA DE MENDONÇA

Uma grande figura intelectual e moral do sec. XVII, oriunda do Sardeal, e que marcou grande presença tanto na vida social como no panorama religioso da época não é, apesar de tudo, devidamente conhecida e glorificada pelos sardoalenses.

Infelizmente, esta nossa terra é madrastra, tantas e tantas vezes para alguns dos seus filhos ilustres e nem sempre, também, a memória colectiva sabe reconhecer com o devido respeito e admiração aqueles que se elevaram e distinguiram para lá da vulgar banalidade de um quotidiano conservadorista.

Assim, quereríamos referir-nos hoje ao nome in signe de Dom Gaspar Barata de Mendonça -que veio a ser o 1º Arcebispo da Baía (Brasil), em 1676, proposto directamente ao Papa Inocencio XI pelo Rei D. Pedro II por saber -garantia o monarca- que "nele concorriam e se exercitavam todas as virtudes e qualidades que eram mister para tamanha dignidade".

Mas quem era, afinal, essa figura que veio a ter tanta relevância e notoriedade?

Um filho de Sardeal, nosso conterrâneo de pleno direito, nado e criado nesta Vila, de uma família altamente ilustre e considerada, os Mouras e Mendonças. A sua educação cultural fora confiada aos frades do Convento de Santa Maria da Caridade, onde havia elementos de muito saber e grande profundidade de conhecimentos. Depois, talvez levado pelo exemplo de seu pai, que era jurista, resolveu seguir a carreira de Direito, em Coimbra, onde se notabilizou sempre pelas suas altas classificações. Enveredou pela Magistratura e a breve trecho era Juiz de comarca. Mas eram tão notavelmente sensatas todas as suas sentenças e veredictos que, pouco tempo decorrido, ascendia a Juiz-de-fora da correição de Tomar.

Parecia ir abrir-se-lhe, agora, uma carreira de grande relevo e projecção, tanto pela natureza das funções que passavam a estar-lhe cometidas como, igualmente pelo ambiente social da família a que pertencia directamente.

Não obstante, porém, a sua brilhante situação na sociedade, grandes susceptibilidades e preocupações começaram a minar-lhe o espírito, a partir de certa altura -e cada vez se ia sentindo mais opresso e aflito com certas decisões penais que tinha de tomar, embora procedesse sempre com o mais rigoroso escrupulo. Sobretudo o que o torturava de modo mais pungente era a pena de morte (ainda em plena voga, para os crimes de maior gravidade) e que por isso tinha de sancionar em muitos casos tipificados na Lei vigente.

Com efeito, a sua grande preocupação residia na eventualidade (mesmo remota, que fosse) de poder vir a condenar à pena capital um qualquer inocente, em que provas falseadas ou incompletas pudessem conduzir a um erro judiciário irreparável. A sua perspicácia já se tinha apercebido, algumas vezes, de depoimentos falsos e mal-intencionados, testemunhos perjuros, provas forjadas, indícições distorcidas, de gente sem honra nem pejo, falha de todos os escrupulos. E, para além disso, a pressão ambiental dos jurados, frequentemente boçais e sem o mínimo de preparação, bastas vezes manobrados por influências externas, quando não, inclusivamente, amedrontados por represálias futuras.

Ora, aquele tão honrado e ímpoluto juiz não conseguia um mínimo de tranquilidade para o seu espírito, levado por essa vaga de pensamentos. E de modo se ia sentindo aterrado que um dia tomou uma decisão heróica e drástica: -desvestiu-se de toda a pompa e circunstância das suas funções, pôs de lado a toga e a beca e entrou para um seminário. Quis ser padre -e, mais ainda, um sacerdote simples e apagado aos olhos do mundo, entregue unicamente ao pastoreio das almas, no caminho de Deus.

E, logo que veio a ser ordenado, pediu uma paróquia em aldeia distante, fora do mapa. Por seu desejo expresso, veio a tomar conta da freguesia de S. João de Gestação, do padroado de Unhão, a dois passos de Amares, uma aldeola rústica, encravada nos alcantis xistosos do Douro.

(Continua no próximo número)

FESTA do ESPIRITO SANTO

Continuação da página 4

A alocução que entretanto fizera sobre o significado da Festa do Espírito Santo e a sua tão larga projecção na Terra Portuguesa, a partir do empenhamento pessoal da Rainha Santa Isabel, e que o andar dos tempos nunca deixaria esmorecer, foi escutada com a mais cuidadosa atenção, tanto mais que o orador haveria de mesclar a profundidade teológica do tema com a eloquência de uma imagética altamente persuasiva e eloquente.

Após as cerimónias religiosas, Dom Duarte dignou-se visitar o LAR e o CENTRO-de-DIA da Misericórdia e as suas impressões finais traduziram, iniludivelmente, o seu apurado talento de observação, nítido, preciso, claro, objectivo, sobre tudo o que lhe fora dado observar, porquanto, das suas palavras se pôde intuir facilmente toda a sua grande admiração pela Obra que acabava de observar e que tanto o impressionara, -como acentuou. Foram muito expressivas, por isso, todas as felicitações que endereçou à Mesa Administrativa.

Logo depois, seguir-se-ia um largo almoço comunitário que, embora projectado para o ar livre, à sombra dos freixos centenários da cerca do Convento, houve de ser transferido para os grandes salões dos Bombeiros Municipais -refeição essa oferecida pela Câmara Municipal a todos os presentes, que eram largas centenas de pessoas e que constituiu pretexto para uma grande confraternização humana.

O Senhor Dom Duarte Pio deu a grande honra da sua participação, amplamente comunicativa, finamente insinuante, em que um apurado sentido de inteligência e de sensibilidade mostrou à sociedade o Homem de trato cordial, de educação primorosa, de requintada aristocracia mental, destituído de toda a espécie de artifício e de cálculo, profundamente aberto na hospitalidade do trato e na vivência de uma tão fidalga simplicidade.

O povo de Sardeal ficou profundamente conquistado pela sua presença tão afavelmente radiante quanto amplamente comunicativa.

Por sua vez, todos os sardoalenses se houveram, espontaneamente, numa atitude de aprumo, de dignidade, de respeito, de solidariedade, mesmo -em que a disciplina íntima erradicou a subserviência e a cortesia natural excluía toda e qualquer bajulação.

Enfim, um grande dia de festa e de exultação, em que o deslustre das condições atmosféricas não esmoreceu o entusiasmo e a vibração de todos os presentes.

São poucos mas... BONS!

Alguns Benfeitores da Santa Casa, mais atentos às dificuldades que assoberbam a nossa Misericórdia, têm-nos trazido, além de contribuições em dinheiro, géneros de alimentação, comida confeccionada, roupas, livros e revistas, etc.

Não são muitos, realmente, esses Irmãos Benfeitores. Mas, em compensação, esse pequena minoria repete-se com frequência na liberalidade dos seus gestos de doação, como que a querer colmatar, talvez, a falha de uns tantos outros que, vivendo comoda e regaladamente, não se lembram (ou fingem esquecer-se?) de que há ainda e infelizmente, conterrâneos seus que passariam fome e privações se a Misericórdia lhes não estendesse caridosamente a mão para os socorrer!

MEDITAÇÃO

«A quem nada deseja, nada falta»

Adágio popular

É ERRADO ...

1º — Esperar que o nosso próprio conceito do bem e do mal se estabeleça e toda a gente com ele se conforme:

2º — Querer medir o gosto dos demais pelo nosso:

3º — Esperar a uniformidade de opiniões no mundo:

4º — Buscar o juízo e a experiência na juventude:

5º — Esforçar-se para moldar da mesma maneira as disposições de todos:

6º — Não ceder em frioleiras que nada importam:

7º — Buscar perfeições nas nossas próprias acções:

8º — Incomodar-nos e incomodar os outros por coisas que não têm remédio:

9º — Não remediar o que necessita de remédio, quando podemos fazê-lo:

10º — Não ser indulgente com as fraquezas dos demais:

11º — Considerar alguma coisa impossível, simplesmente porque nós próprios somos incapazes de fazê-lo:

12º — Negar tudo aquilo que o nosso limitado pensamento não pode abarcar:

13º — Mover-se como se o momento, o dia a hora ou a época em que se vive houvessem de durar sempre.

VISITAS AO LAR

Todos os dias:

Das 14.15 às 15.45 e

entre as 17.00 e 17.45 h.

A VISITAÇÃO tema de CONVÍVIO

Mantendo uma tradição já arraigada-mente fixada ao longo dos tempos, a nossa Misericórdia comemorou, uma vez mais, a Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel, com celebração de missa votiva e prática circunstantial, como homenagem e exaltação desse evento histórico que a Bíblia regista com marcada relevância. Curiosamente, até, desde épocas imemoriais, esta nossa Santa Casa da Misericórdia regista essa comemoração como estatutária.

A Festa, em si, aliás, já recua mais de 600 anos no tempo, pois foi instituída para todo o orbe católico por Urbano VI, em 1389, afim de obter a cessação do chamado Grande Cisma do Ocidente.

Neste ano, a Celebração Eucarística foi presidida Senhor Cônego Esteves e teve uma grande afluência de fiéis. A prática/homilia constituiu uma síntese claramente explicativa daquele passo tão significativo dos Livros Santos.

A Mesa Administrativa congregou, depois, num almoço informal, mas de fraterno convívio, os Corpos Directivos, pessoal da Instituição e Irmãos em geral, com todos os internados e utentes do LAR e do CENTRO-de-DIA.

Foi uma jornada de são companheirismo e que mais radicou e fortaleceu uma salutar aproximação entre todos.

A FESTA DO ESPÍRITO SANTO

A grande Festa do Divino Espírito Santo que, há mais de 530 anos, pelo menos, se vem realizando em Sardoal, sempre com grande solenidade e luzimento, ocorreu neste ano a 18 do passado mês de Maio.

Sabe-se da sua grande nomeada pelos tempos fora, através de diversa documentação que se lhe refere, directa ou indirectamente. Terá sofrido alguns interregnos, é certo, sobretudo em épocas de crises políticas, bem como limitações na sua exteriorização litúrgica, devidas a factores anti-religiosos, mas manteve sempre a sua tradição bem viva no espírito e na evocação de todos os sardoalenses.

Por meados do século passado a ela se adscreeveu, também, a Festa do Bodo, de cariz mais profano, é certo, mas porque a coexistência entre os dois sectores foi sempre pacífica e concordante, as Autoridades Religiosas nunca encontraram motivos para que se dissociassem.

Nos tempos modernos, ficaram célebres as dos finais dos anos 20. Por razões mal esclarecidas, mas que se supõe estarem ligadas a diferenças de critério entre alguns elementos da comissão que, normalmente, as organizava sempre, a parte profana, que respeitava essencialmente às festividades do Bodo, sofreu um arrastado impasse, desde 1932. O povo, no entanto, nunca se conformou bem com essa paragem forçada. A parte religiosa, contudo, pôde manter-se, embora se circunscrevesse a um mínimo de cerimonial litúrgico.

A partir de 1995, porém, a Camara Municipal e a Paróquia, com o apoio, igualmente, da Junta de Freguesia e outras instituições locais e a coadjuvação decidida da Santa Casa de Misericórdia, resolveu iniciar um trabalho de recriação desses tão antigos festejos — se não, já, com o aparato e retumbância dos velhos tempos, pelo menos procurando uma evocação um tanto estilizada e respeitando, tanto quanto possível, os aspectos mais singularmente marcantes das épocas antigas.

Para o ano corrente, até, se projectara a reedição de mais alguns desses cerimoniais do passado — estando prevista, igualmente, a célebre procissão com a vetusta imagem do Divino Espírito Santo, desde a sua capela na Praça da República até ao Mosteiro de Santa Maria da Caridade, com figuras em trajes antigos, de finais do século passado e uma organização do cortejo segundo os rituais e praxes que a tradição ainda guarda.

Porém, a violência de um temporal inusitado veio alterar por completo esse projecto, tão trabalhosamente posto de pé, e a festa propriamente dita veio a constar de missa solene, campal, na vasta Praça da Camara e da tão característica bênção do pão.

A meio da missa, e por alturas da Elevação, uma intensa bátega de chuva, de grande violência e intensidade, abateu-se sobre todo o recinto, que regorgitava de fiéis. Sintomaticamente, porém, as muitas centenas de assistentes aguentaram a pé firme aquela inclemência da Natureza e continuaram nos seus lugares, sem uma queixa nem um lamento menos respeitoso até à conclusão daquela Eucaristia.

Foi uma atitude colectiva, absolutamente espontânea, que a todos irmanou no mesmo decidido sacrifício e na mesma inquebrantável compostura.

Como convidado especial, deu-nos a honra da sua companhia Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte Pio, Duque de Bragança, cuja presença deu motivo a grandes manifestações de júbilo do povo de Sardoal.

Assistiu, também, com a mais compenetrada unção e o mais respeitoso acolhimento a todas as cerimónias religiosas. Foi, aliás, uma atitude eminentemente participativa, que o público não deixaria de notar, com a mais apreciativa admiração.

Dada a irregularidade das condições atmosféricas, a tão espectacular procissão até à Igreja do Convento não pôde efectuar-se, tendo o celebrante, Revº Cônego António Esteves, procedido, no estrado de honra à tradicional bênção dos pães.

Continua na página 3

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia - 2230 SARDOAL

Depósito Legal nº 24.707/88